

ARTIGO

O ensino de antropologia nos cursos de pedagogia: caminhos para a diversidade

The anthropology teaching in pedagogy courses: ways to
diversity

La enseñanza de la antropología en los cursos de pedagogía:
caminos hacia la diversidad

Karina Augusta Limonta Vieira

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Brasil

Denis Domeneghetti Badia

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Brasil

Resumo

O objetivo desse artigo consiste em realizar uma discussão sobre as contribuições da Antropologia para os cursos de Pedagogia e as possibilidades de caminharmos para a diversidade, seja ela curricular ou no olhar para o outro. Para tal realizo um debate sobre o ensino de Antropologia nos cursos de Pedagogia, ou seja, como a Antropologia aparece nos cursos de Pedagogia, finalizando com o debate sobre Antropologia e Educação, no sentido de elucidar as junções dessas áreas, bem como os caminhos para a diversidade. A partir do levantamento bibliográfico, no qual evidencio a questão da teorização dos cursos de Pedagogia, e principalmente, da disciplina Antropologia, distanciando-se da prática apresentada por ambos,

trago o levantamento realizado nos sites do E-Mec sobre presença da disciplina Antropologia e Antropologia da Educação nos cursos de Pedagogia no currículo Paulista. Observa-se a partir do levantamento que as disciplinas estão correlacionadas às seis categorias, tais como: 1) Antropologia, 2) Antropologia e Educação, 3) Sociologia, Antropologia e Educação, 4) Relações Étnico-raciais, 5) Educação e diversidade e, 6) Cultura e Educação. Esse levantamento realizado nos leva a discorrer sobre a importância da disciplina Antropologia e de suas teorias para a formação dos Pedagogos, desse modo é possível pensar sobre o diálogo entre Antropologia e Educação, seus entraves, e a possibilidade de olhar para o outro, como forma de valorizar a diversidade, nos propondo um alargamento do olhar da educação como uma dimensão além escola.

Palavras-chave: Antropologia. Pedagogia. Ensino. Diversidade.

Abstract

The article's aim is to conduct a discussion about contributions of the Anthropology to the courses in Pedagogy and the possibilities moving towards diversity whether curricular or looking the other. To realize a debate about teaching Anthropology courses in Pedagogy, it means, as appears Anthropology in Pedagogy courses, ending with the debate on Anthropology and Education, in order to elucidate the junctions of these areas, as well as the ways to cultural diversity. From the literature survey, in which evidence the question of theorizing of the courses of Pedagogy, and principally, of discipline Anthropology, moving away from the practice by both, I bring the survey carried in the E-Mec about the presence discipline of the Anthropology and Anthropology and Education in Pedagogy courses in the Paulista curriculum. From the survey, it notes that the disciplines are correlated to the six categories, such as: 1) Anthropology, 2) Anthropology and Education, 3) Sociology, Anthropology and Education, 4) Ethnic and Racial Relations, 5) Education and cultural diversity and, 6) Culture and Education. This survey realized leads us to discuss about the importance of the discipline Anthropology and its theories for the formation of Educators, so it is possible to think about the dialogue between Anthropology and Education, the barriers, and the possibility of looking for another, in order to valorize the cultural diversity. The article proposes a theoretical broadening of Education beyond the school.

Keywords: Anthropology. Pedagogy. Teaching. Diversity.

Resumen

Práxis Educacional	Vitória da Conquista	v. 11, n. 20	p. 247-269	set./dez. 2015
--------------------	----------------------	--------------	------------	----------------

El objetivo de este artículo es conducir una discusión sobre la contribución de la Antropología en los cursos de Pedagogía y las posibilidades de encaminarnos hacia la diversidad, ya sea curricular o alguna otra. Para realizar un debate sobre enseñar cursos de Antropología en Pedagogía, o sea, como si apareciera la Antropología en los cursos de Pedagogía, terminaría como un debate sobre Antropología y Educación para poder explicar la conexión de estas áreas, así como las formas de diversidad cultural. En la encuesta literaria, en la cual se evidencia la pregunta sobre la teoretización de los cursos de pedagogía, y principalmente, de la disciplina de Antropología, las dos separándose de la práctica. Se ha llevado a cabo en E-Mec una encuesta sobre la presencia de la Antropología y la Educación en cursos de Pedagogía en el currículum Paulista. Desde el punto de vista de la encuesta, se nota que las dos disciplinas están correlacionadas en seis categorías, como 1) Antropología, 2) Antropología y Educación, 3) Sociología, Antropología y Educación, 4) Etnia y las relaciones raciales, 5) Educación y la diversidad cultural y, 6) Cultura y Educación. Esta encuesta realizada nos lleva a discutir sobre la importancia de la Antropología y sus teorías para la formación de Educadores, así que es posible pensar sobre el diálogo entre Antropología y Educación, las barreras, y la posibilidad de mirarse uno al otro, con el propósito de valorizar la diversidad cultural. El artículo propone un consejero y se valoriza la diversidad cultural. Este artículo propone una ampliación teórica de la Educación más allá de la escuela.

Palabras clave: Antropología. Pedagogía. Enseñanza. Diversidad.

Introdução

O ensino de Antropologia nos cursos de Pedagogia assim como em outros cursos torna-se desafiante e contraditório¹, quando se leva em consideração o curso no qual a disciplina tem feito parte. Segundo Gusmão, no caso do curso de Pedagogia há uma relação contraditória, porque a Antropologia tem como característica a crítica e a Pedagogia é um curso que valoriza a normatização e a regularização. Entretanto,

¹ Existem duas obras que fazem o debate sobre o ensino de Antropologia em cursos de áreas distintas, principalmente, na área de humanas e em Pós-Graduação em Antropologia no Brasil. Ver as obras: Tavares, Fátima, GUEDES, Simoni Lahud, CAROSO, Carlos. **Experiências de Ensino e Prática em Antropologia no Brasil**; Brasília- DF; Ícone Gráfica e Editora, 2010, e GROSSI, Miriam; TASSINARI, Antonella e RIAL, Carmem. **Ensino de Antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras**. Florianópolis: Nova Letra, 2006.

de algumas décadas para cá esse diálogo tem-se estendido e mantido, mesmo que com algumas incongruências e limitações, mas é notável as aproximações entre essas áreas.

No campo educacional é inegável que a Antropologia tenha contribuído, principalmente, no que diz respeito a uma aproximação do saber/fazer antropológico e de seu aparato teórico-metodológico em pesquisas educacionais e práticas pedagógicas. O diálogo com a Antropologia acontece na busca por fontes diversas e objetos específicos para tratar o fenômeno educacional em situações locais, regionais e com suas problemáticas próprias. Logo, ocorre a ampliação do olhar que concede ao professor a oportunidade de observar seu aluno com outras lentes, conforme Dauster (2003) relata no trabalho *Um saber de fronteira – entre a antropologia e a educação*, pois terá condições para analisar e valorizar a heterogeneidade e a diversidade sociocultural, de maneira que abandone a postura etnocêntrica que faz do “diferente” um inferior e da diferença uma “privação cultural”.

Partindo do pressuposto dessas influências para o curso de Pedagogia, esse artigo busca realizar um debate sobre o ensino de Antropologia nos cursos de Pedagogia, tendo como norte o levantamento da presença da disciplina Antropologia nos cursos de Pedagogia, ou seja, como a Antropologia aparece nos cursos de Pedagogia, finalizando com o debate sobre Antropologia e Educação, no sentido de elucidar as junções dessas áreas, bem como os caminhos para a diversidade.

O ensino de Antropologia nos cursos de Pedagogia

O debate da Antropologia está presente há apenas algumas décadas nos cursos de Pedagogia, data-se anos de 1980². Podemos contar três décadas das contribuições da Antropologia, no entanto, ainda em

² Penso que os primórdios desse debate, aqui no Brasil, tem início com a publicação de três artigos: CARVALHO, Sílvia Maria Schmuziger de; RAVAGNANI, Oswaldo Martins; LAUAND, Najla. A Antropologia e os dilemas da educação. In: **Perspectivas**, São Paulo: 1980, vol 3, p. 29- 50., e

PAULA CARVALHO, José de Carlos. Rumo a uma Antropologia da Educação: prolegômenos I. In: *Revista de Educação*, vol. 8, nº 2, p. 113- 132, jul./ dez., 1982.

PAULA CARVALHO, José de Carlos. Rumo a uma Antropologia da Educação: prolegômenos II. In: *Revista de Educação*, vol. 10, nº 2, p. 257-283, jul./dez., 1984.

vias de solidificar-se³, por meio do debate entre Antropologia e Educação. Entretanto, algumas instituições como a Faculdade de Educação da Usp⁴ e da Unicamp⁵ conseguiram na década de 90 inserir a disciplina Antropologia e Educação na grade curricular do curso de Pedagogia, mas que depois foram retiradas das grades curriculares, reinseridas, ou inseridas como optativas⁶.

O ensino nos cursos de Pedagogia de uma maneira geral apresentam uma característica bem peculiar, a teorização. O trabalho de Gatti “Formação de professores para o Ensino Fundamental: instituições formadoras e seus currículos” demonstrou as condições dos cursos de Formação de Professores para a Educação Básica no Brasil, em especial o curso de Pedagogia. As estruturações dos currículos dos cursos de Pedagogia insistem em conter disciplinas mais teóricas do que práticas. Gatti (2008) constatou que há grande variabilidade no que se refere às disciplinas oferecidas no curso de Pedagogia. Foram definidas em seu trabalho algumas categorias para análise: *Fundamentos teóricos da Educação, Conhecimentos relativos aos sistemas educacionais, Conhecimentos relativos à formação profissional específica, Conhecimentos relativos ao nível da Educação Infantil e modalidades de ensino específicas, Outros saberes, Pesquisa e trabalho de conclusão de curso (TCC) e Atividades complementares.* É possível notar a preocupação existente em relação à teoria.

De acordo com Gatti (2008) a disciplina Antropologia encontra-se agrupada em Fundamentos teóricos da educação, cujo objetivo consiste

³ Existem vários trabalhos que constam sobre esse debate como de Tania Dauster, Neusa Gusmão e Valente. Os autores preocuparam-se em solidificar os debates sobre Antropologia e Educação. DAUSTER, Tania. Um outro olhar: Entre a antropologia e a educação. In: **Caderno CEDES**, vol. 18, n° 43, Campinas, Dez. 97.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Antropologia e Educação: origens de um diálogo. In: GUSMÃO, Neusa Ma. Mendes (org.). **Antropologia e Educação: interfaces do ensino e da pesquisa**, Cadernos CEDES, ano XVII, n°. 43, dezembro/97 (pp.8-25).

VALENTE, Ana Lúcia F. Usos e abusos da antropologia na pesquisa educacional . In: **Pro-Posições**, vol. 7, n° 2 [20], Campinas: FE/Unicamp. jul. 1996 – pp. 54-64.

⁴ Em conversas com o Prof. Dr. José Carlos de Paula Carvalho e Denis Domeneghetti Badia foi possível extrair essa informação.

⁵ Neusa Gusmão relata essa informação no capítulo: Antropologia e Educação: história e trajetos/ FE – UNICAMP, publicado em GROSSI, Miriam; TASSINARI, Antonella e RIAL, Carmem. **Ensino de Antropologia no Brasil: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras**. Florianópolis: Nova Letra, 2006.

⁶ Hoje em dia já é possível encontrar a disciplina em vários cursos, como mais adiante demonstrei no levantamento realizado.

em dar embasamento teórico ao curso de Pedagogia. Pelo estudo, pode-se inferir que a parte curricular que propicia o desenvolvimento de habilidades profissionais específicas para a atuação nas escolas e nas salas de aula fica bem reduzida. Assim, a relação teoria-prática, como proposta nos documentos legais e nas discussões da área também se mostra comprometida desde essa base formativa. Percebe-se a teorização da disciplina Antropologia e Educação por conta da estruturação dos currículos dos cursos de Pedagogia. Os currículos desses cursos tem uma preocupação em oferecer fundamentos teóricos aos alunos de 1º ano, deixando de lado a *práxis* tão presente na formação de professores.

Diante do exposto, no ano de 2013, realizei um levantamento⁷ das disciplinas relacionadas à Antropologia que estão presentes nos cursos de Pedagogia. Esse levantamento⁸ foi realizado nos *sites* do MEC e das IESs públicas e privadas presenciais, para mapear a inserção da disciplina nestes cursos, nos cursos de Pedagogia no Estado de São Paulo.

A partir do levantamento realizado no site do MEC foi possível realizar um mapeamento das grades dos cursos de Pedagogia que possuem a disciplina “*Antropologia*” ou “*Antropologia e Educação*”. Mas como os levantamentos demonstraram fez-se necessário estender a pesquisa para as disciplinas correlatas, ou seja, aquelas que se enquadram nas discussões da Antropologia. Vale ressaltar aqui nesse artigo que foi realizado apenas o levantamento das disciplinas que constam nas grades curriculares. Já a análise das ementas dessas disciplinas se desdobrará em outro trabalho a ser realizado e complementado a partir desses dados

⁷ Esse levantamento faz parte do trabalho apresentado no II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades - Belo Horizonte, de 8 a 11 de outubro de 2013, cujo título é: **A presença da disciplina antropologia nos cursos de Pedagogia: mapeamento do currículo paulista**. In: file:///C:/Users/Karina/Downloads/640.pdf.

⁸ É interessante ressaltar alguns dados do levantamento. No site do MEC estão cadastrados 321 cursos de Pedagogia em IESs, no entanto 48 dos cursos pesquisados não tinham a matriz curricular disponível para análise e 22 sites dessas instituições estavam foram do ar. Então, isso significa que de um total de 305 instituições presenciais de curso Superior, apenas 235 delas estavam disponíveis para consulta.

já coletados.

Foi possível então criar seis categorias a partir desse levantamento realizado, tais como: 1) Antropologia, 2) Antropologia e Educação, 3) Sociologia, Antropologia e Educação, 4) Relações Étnico-raciais, 5) Educação e diversidade e, 6) Cultura e Educação.

Dentro da 1ª categoria “*Antropologia*” estão enquadradas as seguintes disciplinas: Antropologia Teológica, Antropologia: Etnias e Diversidade, Antropologia, Cultura e sociedade, Humanidade, Arte e Cultura, Antropologia: Realidade Brasil, Antropologia Cristã, Contribuições das Ciências Sociais I e II, Relações Sociais e Éticas, Sociedade: Formação da Identidade Brasileira, Introdução às Ciências Sociais, Cultura Brasileira & Antropologia, Cultura Brasileira, Antropologia Cultural – optativa, Antropologia e diversidade I e II, Socioantropologia, Estudo das relações humanas, Antropologia: Realidade Brasileira e Diversidade Étnico-Racial, Fundamentos Epistemológicos e Metodológicos das Ciências Sociais, Cultura Brasileira, Antropologia filosófica, Antropologia, Raça e Cultura, Homem e Sociedade, Ciências Sociais, Conhecimento sócio-político econômico e cultural, Natureza e Sociedade I e II, e, Estudos Antropológicos e Sociológicos.

Dentro da 2ª categoria “*Antropologia e Educação*” estão enquadradas as seguintes disciplinas: Fundamentos Sócio-Econômicos da Educação, Antropologia e Educação, Educação, Antropologia e Multiculturalismo, Educação, Antropologia e Multiculturalismo, e, Antropologia e Pedagogia.

Dentro da 3ª categoria “*Sociologia, Antropologia e Educação*” estão enquadradas as seguintes disciplinas: Instituições Sociais e Violência, História da Infância, Família e Multiculturalismo, Aspectos antropológicos e sociológicos da educação, Antropologia e Sociologia da Educação I e II, Relações Sociais entre Escola e Comunidade, Sociologia: Cultura e Sociedade, Sociologia: Educação Trabalho e Sociedade I e II, Ética e desenvolvimento social: dimensões filosóficos e sócio-antropológicas da educação I e II, Fundamentos Socio-filosóficos da Educação, Antropologia e Sociologia da Educação e Fundamentos Sociológicos e

Antropológicos da Educação I e II.

Na 4ª categoria “*Relações Étnico-raciais*” estão enquadradas as seguintes disciplinas: História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, Educação das Religiões Étnico-raciais, História dos povos indígenas e afro-descendentes, Etnia - Relações Etno Raciais, Introdução da Educação das Relações Etnicorraciais no Ensino, Povos Indígenas e Relações Interculturais, História da África e Cultura Afrodescendente, Estudos Culturais: Relações Étnico-Raciais no Brasil, Relações Étnico-Raciais no Brasil e Direitos Humanos e Relações Étnico-Raciais.

E na 5ª categoria “*Educação e diversidade*” estão enquadradas as seguintes disciplinas: Educação e Diversidade, Educação Inclusiva e Diversidade, Diversidade Étnico-Cultural, Sexual e Gênero, Diversidade Étnico-Cultural, Aspectos e Diversidade da Deficiência, Educação na Diversidade Cultural, Educação, Natureza e Sociedade, Eletiva II: Diversidade Socioeducacional, Estudos Independentes para a diversidade, Gênero e educação, Relações de Gênero e Educação I e II: Trabalho, Educação e Gênero, Diversidade, e, Diferença e Deficiência: implicações educacionais.

Finalizando, 6ª categoria “*Cultura e Educação*” estão enquadradas as seguintes disciplinas: Educação, Sociedade e Cultura Brasileira I e II, Educação e Diversidade Cultural, Currículo, Cultura e Sociedade, Educação, Cidadania e Diversidade, Pluralidade cultural e memória, Identidade, Cultura, Memória e Educação, Cultura Popular, Criatividade e Oficinas de Materiais Pedagógicos, Cultura, Educação, Inclusiva e Cidadania: Desafios e Práticas, Cultura e Educação, Escola e Cultura I e II , Arte, pluralidade cultural e educação, Educação, Antropologia e Pluralidade Cultural, Escola, Currículo e Cultura, Seminário Cultural: Ampliação do Universo Cultural, Seminário Cultural: Cultura Brasileira, Seminário Cultural: Educação e Diversidades Étnicas, Seminários de Cultura Escolar I e II, Cultura e Educação I e II: Teoria da Complexidade e Cultura Escolar, Cultura e Organização I e II: a Multidimensionalidade do Fenômeno Sócio- Organizacional Educativo, Educação e Cultura

Brasileira, Multiculturalismo e Educação: Introdução à Temática, A Escola e a Cultura Brasileira, Cultura brasileira, inclusão e diversidade cultural, Educação não-escolar: práticas sociais e diversidade cultural, Multiculturalismo e Inclusão, Escola, Currículo e Sociedade, Escola, Família e Comunidade, História da Infância e Multiculturalismo, e, Educação e Sociedade I e II.

Ao todo foram 94 disciplinas selecionadas a partir do levantamento realizado dentro das seis categorias elencadas: 1) Antropologia, 2) Antropologia e Educação, 3) Sociologia, Antropologia e Educação, 4) Relações Étnico-raciais, 5) Educação e diversidade e, 6) Cultura e Educação. É interessante observar que apenas 6 (seis) disciplinas tem a preocupação de relacionar “*Antropologia e Educação*”. Enquanto que 27 disciplinas focam em disciplinas de “*Antropologia*”. Esses dados são interessantes e permitem refletir sobre a escolha de uma ou de outra disciplina. O que motivou a instituição a escolher a disciplina “*Antropologia*” e não “*Antropologia e Educação*”? Há uma preocupação em ressaltar a área de Antropologia e não realizar a junção das áreas?

Já em relação “*Sociologia, Antropologia e Educação*” 10 disciplinas foram elencadas e tem como foco a relação da antropologia com a sociologia, as relações sociais e a sociedade. A sexta categoria “Cultura e Educação” possui 29 disciplinas que procuram relacionar, cultura, educação, multiculturalismo, cultura brasileira, pluralidade cultural, identidade e sociedade como meios para conceder um olhar para a cultura e a cultura escolar. Outro dado é o da categoria “*Relações Étnico-raciais*” – essa categoria foi criada porque algumas instituições de ensino passaram a colocar na grade curricular a disciplina como maneira de contemplar as discussões da lei 10.639/03 e que para algumas instituições passaram a fazer parte das discussões que se enquadram em Antropologia. Em algumas Instituições de Ensino Superior a categoria “*Educação e Diversidade*” torna-se recorrente, como justificativa de valorizar a diversidade que existe no meio educacional.

Esse levantamento⁹ realizado nos leva a discorrer sobre a

⁹ Outro dado interessante a ser complementado nesse levantamento é que dos 305 cursos pesquisados, 44 instituições não possuíam nenhuma dessas disciplinas na grade curricular. O que significa essa

importância da disciplina Antropologia e de suas teorias para a formação dos Pedagogos. São disciplinas que encontram-se nos primeiros semestres do curso, exceto as da 6ª categoria – “*Relações Étnico-Raciais*”. Deixemos esse debate para o próximo tópico. Com esses dados é notória e justificada que há uma preocupação com o outro, com a cultura escolar, com a sociedade e com a diversidade. Por isso, a seguir será realizada uma breve argumentação sobre as contribuições e os desafios da Antropologia e Educação nos cursos de Pedagogia.

No capítulo *Antropologia e educação: história e trajeto*, de Gusmão (2006) há um desafio representado pelo encontro entre áreas diversas do conhecimento, e mesmo entre campos cuja natureza se afasta em termos de teoria e prática, como parece ser o caso da Antropologia e da Pedagogia. A autora afirma que

Antropologia e educação parecem constituir hoje, um campo de confrontação em que a compartimentação do saber atribui à antropologia a condição de ciência e à educação a condição de prática. Dentro dessa divergência primordial, os profissionais de ambos os lados se acusam e se defendem com base em prenoções, práticas reducionistas e muito desconhecimento. Se há muitas coisas que nos separam – antropólogos e educadores –, há muitas que nos unem. (GUSMÃO, 2006, p. 299).

Talvez isso explique a ausência da disciplina Antropologia ou Antropologia e Educação em alguns cursos de Pedagogia. Gusmão propõe o desafio de se estabelecer as relações entre Antropologia e Educação e a interlocução da Antropologia no campo da docência em Educação e nos cursos de Pedagogia. Para tal

os processos educativos, a escola e as políticas educativas não podem se fazer indiferentes às diferenças do social e ao saber antropológico que as descortina e explica, sob pena de se perderem em práticas autoritárias, que refletem tão somente os

ausência? É uma questão que poderá ser pensada a partir da análise das ementas dos cursos de Pedagogia e até a possibilidade de realizar entrevistas com os professores sobre as discussões que são realizadas em outras disciplinas e os conteúdos que estão presentes.

Práxis Educacional	Vitória da Conquista	v. 11, n. 20	p. 247-269	set./dez. 2015
--------------------	----------------------	--------------	------------	----------------

segmentos dominantes, negando a cidadania aos sujeitos sociais, alvo e objeto de suas práticas. (GUSMÃO, 2006, p. 301).

No entanto, no momento em que a Antropologia passou a se preocupar com função técnica do progresso e desenvolvimento e de dominação dos povos, e a Pedagogia encarava as suas práticas educativas como necessárias e únicas em nome de um humanismo salvacionista do outro, não havia qualquer questionamento, explica Gusmão (2006). A Antropologia tentou-se livrar dessas más lembranças, mas a Pedagogia a cada dia que passa vem se encantando com o uso do instrumental antropológico, apropriando-se apenas desse material, sem ter a compreensão dos pressupostos teóricos¹⁰.

De acordo com Gusmão, os antropólogos questionam esse uso exacerbado do instrumental antropológico, bem como enfatizam o uso exacerbado do relativismo descritivo e empiricista dos profissionais da educação. O que implica nesse momento para os Pedagogos é a necessidade de adentrar ao pensamento antropológico, em suas bases epistemológicas como ciência e como ciência aplicada, logo recuperar os seus alinhamentos teóricos, os seus avanços e limites. Nesse sentido, “explicitar o modo específico de fazer dessa ciência, através, principalmente, de seus clássicos e dos mecanismos de que dispõe para construir o conhecimento, tais como seus métodos e seus conceitos, talvez possa garantir a não reificação metodológica” (2006, p.304).

Antropologia e educação: caminhos para a diversidade

A Antropologia constituiu-se como ciência por meio de uma perspectiva transdisciplinar, cujo objetivo consiste em promover uma reflexão do Homem sobre si mesmo enquanto totalidade aberta e complexa bio-psíquico – sócio-cultural e sobre sua diversidade e

¹⁰ Valente chama a atenção para um debate entre os limites das teorias e das práticas científicas no campo educacional adepto do “método antropológico” que exigiria o repensar das questões de cunho conceitual e mesmo matricial da Antropologia, implicando um movimento de socialização e discussão de certa bibliografia (os clássicos) entre educadores-pesquisadores que não tenham sido a ela apresentados. Cf. VALENTE, Ana Lúcia F, “Usos e abusos da antropologia na pesquisa educacional” (**Pro-Posições**, vol. 7, nº 2 [20], Campinas: FE/Unicamp. jul. 1996 – pp. 54-64).

variedade de suas características e manifestações. Dessa forma, essa ciência interessou-se por temas como: O primitivo, Arcaísmo e “pensamento selvagem”, Comunidades e grupos restritos, A cultura, A busca de alteridade, As estruturas inconscientes, Contato direto e experiência de campo, Prioridade ao discurso do Outro, Necessidade de apreender totalidades, estudo dos *povos*, das *etnias*, isto é, das realidades sociais e da diversidade das situações.

Devido à abertura dos estudos da Antropologia, uma das áreas do conhecimento que foi influenciado por esses estudos é a educação. A Educação procurou estabelecer um diálogo com a Antropologia de maneira que seu corpo teórico conciliasse com o lado empírico.

O pioneirismo do diálogo entre Antropologia e Educação por pesquisadores ocidentais, relatado por Galli (apud GUSMÃO, 1997) mostra que já ao final do século XIX e início do século XX, a Antropologia tentava compreender uma possível cultura da infância e da adolescência. Eram temas de suas pesquisas e de seus debates os processos interculturais infantis e os sistemas educativos informais, dentro de uma concepção alargada de educação. Antropólogos participavam em processos de revisão curricular e continuaram a participar no transcórre do presente século, nesse e em outros movimentos ligados à escola e à educação. Nesse momento temos Franz Boas (1911), Margaret Mead (1928; 1930; 1935), Ruth Benedict (1934; 1946), Bronislaw Malinowski (1978; 1982), Evans-Pritchard (2007), como os mais expoentes da Antropologia.

Diante dessa visão, é possível pensar que antropológicamente não há uma divisão entre Antropologia e Educação, pois para essa ciência toda a educação já é um elemento culturalizado. Quando você conta a história para a criança já faz parte da própria educação, de sua própria formação como ser social e ser bio-psíquico, o *anthropos*. Faz parte de seu olhar epistemológico e aí estão embutidos os valores, as crenças, a visão de mundo de uma determinada cultura. Ao observar rituais de amamentação da cultura Ndembu de Zambia na África Central, a mãe

conta ao seu filho mitos de sua cultura sentada na sombra de uma árvore, Victor Turner (1970, p. 22) comenta: “A nutrição e o aprendizado são de iguais significados [...] eu tenho ouvido frequentemente que essa amamentação na “ávore do leite” é comparada *ao ir à escola*”.

No entanto, no Brasil, o diálogo da Antropologia com a Educação tem-se feito mais a partir de seu corpo teórico e tentativas de conciliar com o lado empírico. Segundo Barcellos (2004) embora formalmente sub-campos sejam delineados (linhas de pesquisa) eles não aspiram autonomização teórica desta, ficando a Antropologia apenas com o registro de modos de transmissão de tradição no interior de sociedades tradicionais e complexas.

De acordo com André (1995) na obra *Etnografia da Prática Escolar* para apreender o dinamismo próprio da vida escolar é preciso considerar três dimensões: a institucional ou organizacional, a instrucional ou pedagógica e a sociopolítica e cultural. Essas três dimensões não podem ser consideradas isoladamente, mas como uma unidade de múltiplas inter-relações, através das quais se procura compreender a dinâmica social expressa no cotidiano escolar.

Para apreender essas três dimensões a etnografia toma a observação direta como técnica básica de coleta de informações, mas não se resume a ela. Uma pesquisa qualitativa não é uma etnografia nem a observação participante sua única técnica de observação. De certa forma, o universo empírico estudado indica, de várias formas, as técnicas mais adequadas. A familiaridade com a bagagem acumulada pela Antropologia nos possibilita um diálogo imprescindível para as escolhas que faremos quanto às técnicas mais adequadas ou compatíveis às situações observadas. Muitas vezes o convívio no cotidiano é a única forma de penetrar no modo de vida de um grupo e sintonizar com os planos comunicativos em que se movem.

Uma das marcas importantes da entrada da Antropologia no estudo da escola foi justamente a ampliação do foco das pesquisas, ao não tomar a

instrução escolar como único contexto educativo, e sim como uma parte do processo mais amplo, e que, portanto, deveria ser estudada em conexão com as demais instituições e processos que constituem as dinâmicas educativas dos diferentes grupos sociais. Trata-se de interpretar os fenômenos ditos educacionais, dentro ou não das instituições educacionais a partir de um outro código, apropriando-se de outras linguagens, conceitos e modos de “olhar, ouvir, escrever, sentir, refletir”.

Dauster (2003) em seu trabalho *Um saber de fronteira – entre a Antropologia e a Educação* acreditava, paralelamente, que o professor, de maneira geral, lucraria com a abordagem antropológica, olhando seu aluno com outras lentes, ou seja, analisando a heterogeneidade e a diversidade sociocultural e abandonando uma postura etnocêntrica que faz do “diferente” um inferior e da diferença uma “privação cultural”. No entanto, ter uma postura antropológica, segundo Gusmão (2006), implica em formar um profissional da educação cada vez mais familiarizado com a diversidade dos modos de construir e viver a vida na sociedade que não é apenas plural, mas é também hierarquizada, marcada por contradições e conflitos.

Entretanto, segundo Valente (apud GUSMÃO, 2006, p.328), o texto da LDB é expressão das formas de agir e pensar da sociedade brasileira; nesta medida, em muitas de suas passagens “resvala numa armadilha ou deslize semântico que despolitiza” conceitos próprios do campo antropológico, posto que estes se encontram “desligado[s] da sua inerente problemática teórica”. Ao fazê-lo, negligencia-se ou minimiza-se o fato de que as realidades sociais são atravessadas por mecanismos de poder e de dominação. Os PCNs, mesmo admitindo as relações de desigualdades existentes em seu texto,

[...] limita-se a considerar que as produções culturais, constituídas e marcadas por essas relações de poder, envolvem o processo de reformulação e resistência. Desse modo, são suavizados os processos de dominação, de repressão, de homogeneização, sem os quais a reação não poderia ser compreendida. Ao longo do texto, o alerta para que essas relações referenciem toda a análise

vai perdendo força, embalado pelo otimismo e pelo desejo de construção de uma sociedade mais justa, representando, no cenário mundial, “*uma esperança de superação de fronteiras e de construção da relação de confiança na humanidade*”. (BRASIL, 1997, p. 3; 1998, p. 10).

Há um anseio por parte dos cursos de Formação de Professores e das Políticas Educacionais voltadas para a valorização da diversidade, do outro, do multiculturalismo, do pluriculturalismo, como é demonstrado nos Referenciais para a Formação de Professores, nas Diretrizes Curriculares Nacionais e nos Parâmetros Curriculares Nacionais. De acordo com os Referenciais para a Formação de Professores (1999) profissionais da educação e de muitos outros setores da sociedade vêm colocando em discussão temas como: a concepção de educação, a função da escola, a relação entre conhecimento escolar e a vida social e cultural – e, portanto, o trabalho profissional do professor. Ao mesmo tempo em que se propõe uma nova educação escolar e um novo papel de professor com novas práticas pedagógicas.

Pensando nessas novas práticas pedagógicas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica (2002) no Art. 3º salienta que as habilidades e competências gerais e específicas previstas na formação dos professores em nível superior serão estruturadas em áreas ou núcleos curriculares. É afirmado no:

Art. 2º § 1º Compreende-se a docência como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais, étnico-raciais e produtivas, as quais influenciam conceitos, princípios e objetivos da Pedagogia, desenvolvendo-se na articulação entre conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo.

Dessa forma, segundo o:

§ 2º O curso de Pedagogia, por meio de estudos teórico-práticos, investigação e reflexão crítica, propiciará:

I - o planejamento, execução e avaliação de atividades educativas;
II - a aplicação ao campo da educação, de contribuições, entre outras, de conhecimentos como o filosófico, o histórico, o antropológico, o ambiental-ecológico, o psicológico, o lingüístico, o sociológico, o político, o econômico, o cultural.

Toda a formação de professores precisa de um currículo com diferentes áreas e núcleos curriculares. Segundo os Referenciais Curriculares para a Formação de Professores (1999) a multidisciplinaridade acontece devido à realidade brasileira ser complexa e heterogênea a que não permite uma formação linear, simples e única. Dada a grande diversidade cultural característica de nosso país, as peculiaridades regionais e as especificidades das populações e grupos atendidos pela escola é necessário que se construam diferentes caminhos para elevar a qualidade da educação.

O fato de que vivemos em sociedades multiculturais, desiguais, tem sido reconhecido, cada vez mais, no novo milênio, segundo Canen (2005). Nesse contexto,

preparar professores para atuarem em sociedades multiculturais, constituídas na pluralidade, na multiplicidade e nas diferenças contradiz os modelos de formação docente assentados em uma pretensa homogeneidade social, assim a perspectiva multicultural focaliza caminhos teóricos e estratégias pedagógicas para a preparação de professores aptos a atuarem no contexto multicultural em que se insere a educação, de forma a valorizar a pluralidade cultural e desafiar estereótipos e preconceitos a ela relacionados. (CANEN, 2005, p.2).

Nesse contexto surgem propostas curriculares que incluem a diversidade cultural como exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), em que um dos temas transversais é a pluralidade cultural. Por isso um dos objetivos desse Parâmetro consiste em:

- Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões

sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País;

- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997, p. 6).

No entanto, explica Valente, essas Políticas Educacionais mascaram “as relações de poder e de dominação entre grupos em contato, ficando impedida a percepção do caráter contraditório do processo de reconhecimento da diversidade cultural”, podendo conduzir as propostas educativas a um paradoxo: o de reconhecer a diversidade, ao mesmo tempo em que sustenta a intolerância e o acirramento de atitudes discricionárias que venham a justificar um tratamento desigual àqueles que são diferentes (1997, p. 10).

O interesse central é trazer o aluno da Pedagogia para uma aproximação no campo teórico e prático da Antropologia, que lhe é inteiramente desconhecido.

A razão é simples: a educação não tem sido um dos campos privilegiados pela Antropologia, da mesma forma que certas abordagens teóricas, que estão na origem deste diálogo, também não se constituem em objeto de conhecimento e análise, em particular, lembro aqui, o culturalismo americano, representado por Franz Boas e as gerações formadas por ele. (GUSMÃO, 1997).

Por outro lado, Gusmão (2006) salienta que esse é um momento crucial para a própria Educação. Além dessas políticas educativas que reconhecem o caráter plural da sociedade brasileira, uma nova legislação deve alterar significativamente as práticas educacionais a médio prazo, na medida em que uma mudança de orientação na formação do futuro

educador transforma o aluno das faculdades de educação em alunos dos chamados Institutos Superiores de Educação. Na voz de muitos, um “normal” superior. Caminha-se, portanto, dos impasses não resolvidos ou mal compreendidos para uma nova situação em que, talvez, o discurso técnico ganhe primazia na formação do educador, e nesse caso a pergunta que se impõe é: haveria lugar nessa nova estrutura para disciplinas não eminentemente pedagógicas? A Antropologia estaria entre elas? Desses impasses só o tempo poderá fornecer as respostas, pois é um debate velado e pouco explícito na formação dos Pedagogos.

Seguindo essa linha de argumentação, Gusmão (2009) relata nas conclusões do artigo *Entrelugares: Antropologia e Educação no Brasil* a importância dos estudos de Antropologia e Educação: “o momento que atravessamos é o de um ponto de inflexão ainda em constituição que [...] exige que novos rumos sejam traçados, posto que é um momento ímpar, propício ao debate crítico e desenvolvimento de um pensamento analítico e comprometido” (p. 3). Dessa maneira é preciso buscar os estudos de Antropologia e Educação brasileira que contemplem o pensar antropológico de processos e situações educacionais, bem como seus agentes e sujeitos.

Ampliando essa visão, Groethuysen nos contempla destacando a importância da Antropologia para se pensar a Educação:

Somente importa o ponto de vista daquele que interroga, somente importa a questão que o homem a si se põe e não o modo de a ela responder. Mas a própria questão é ambígua, em si evidenciando um caráter problemático. Por isso as respostas aos problemas antropológicos também são equívocas. Levam a diferentes direções. Reunir as múltiplas tendências que nelas se expressam, fundir num todo homogêneo as disposições que ao mesmo tempo, impelem o homem a se conhecer, a experimentar seu eu, a se fazer uma imagem própria e a se construir uma personalidade, tal seria o ideal da antropologia. Acontece que o homem se abandona à multiplicidade de impressões que vive, buscando apreender a significação que o todo possa ter, esgotando aquilo que a vida em cada uma de suas manifestações possa lhe revelar; ora procura definir o que nele há de essencial,

ou ainda é possuído pelo desejo de interpretar sua vida partindo do que nele há de mais profundo, o que o incita a superar... A obra da antropologia consistirá em re-cordar o homem sob a diferença das formas, apreendendo-o na sua unidade (apud PAULA CARVALHO, 1982, p.130).

Conclusão

Conclue-se que a superação das questões fundamentais que separam os Antropólogos e os Pedagogos constitui-se na possibilidade de avanço de uma luta que, envolvendo a diversidade humana, nos põe a todos a necessidade de refletir sobre os caminhos de formação daqueles que educam no seio de uma sociedade que, sendo plural, deve também fazer-se mais crítica e mais democrática, explica Gusmão. A visão antropológica, então, vem nos propor um alargamento do olhar da educação como uma dimensão além escola. Apesar de existir dentro da própria Antropologia e uma linha sobre Educação, a formação do homem vai além de saber “formal”, o ambiente traz consigo aspectos formadores por si só, como observa Ingold.

Nesse sentido, proponho a pensar que para a formação dos Pedagogos, faz-se necessário evidenciar as imagens e representações que os alunos de Pedagogia tem perante à Antropologia, partindo do conceito de imaginário contribuindo assim a realçar as dinâmicas educativas com sensibilidade diante de um contexto plural e diversificado. O imaginário a ser trabalhado nos cursos de Pedagogia, na educação e em espaços escolares é capaz de olhar para além da organização escolar, um olhar capaz de “enxergar” as partículas que fazem parte do cotidiano escolar. Pequenas, talvez, por não terem uma dimensão especial significativa, mas grandes por serem profundamente complexas.

Referências

ANDRÉ, Marli. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

BARCELLOS, Daisy. **Etnografia, educação e relações raciais**. Porto Alegre/ UFRS Mimeo 8 Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 1**. 2004.

BENEDICT, Ruth. **Patterns of culture**. New York: Houghton Mifflin, 1934.

BENEDICT, Ruth. **The Chrysanthemum and the Sword: patterns of Japanese culture**. Rutland, VT and Tokyo, Japan: Charles E. Tuttle Co. 1954 orig. 1946.

BOAS, Franz. **The mind of primitive**. New York: The Macmillan Company, 1911.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica**. 02/2002. RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, de 18 de Fevereiro de 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2014.

BRASIL. **Referenciais para a Formação de Professores. Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: A Secretaria, 1999.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>_Acesso em: 09 ago. 2014.

CANEN, Ana; XAVIER, Giseli Pereli de Moura. Multiculturalismo, pesquisa e formação de professores: o caso das Diretrizes Curriculares para a Formação Docente. **Ensaio: avaliação, política pública educacional**, Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, v.13, n.48, p. 333-344, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v13n48/27553>>. Acesso: 09 ago. 2014.

CARVALHO, Sílvia Maria Schmuziger de; RAVAGNANI, Oswaldo Martins; LAUAND, Najla. A antropologia e os dilemas da educação.

Perspectivas, São Paulo: Revista de Ciências Sociais da Unesp, vol 3, p. 29- 50, 1980. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/1693/1374>>. Acesso em: 09 ago. 2014.

DAUSTER, Tania. Um outro olhar: entre a antropologia e a educação. **Caderno CEDES**, vol. 18, nº 43, Campinas: Unicamp, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621997000200004>. Acesso em: 09 ago. 2014.

DAUSTER, Tania. **Um saber de fronteira: entre a antropologia e a educação**. 26º REUNIÃO ANUAL DA ANPED. 5 a 8 de outubro de 2003. Mesa Redonda: As Ciências Sociais e a Pesquisa em Educação.

EVANS-PRITCHARD, Edward, Evan. **Os Nuer**: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo Nilota. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GATTI, Bernadete, Angelina; NUNES, Marina Muniz. **Formação de professores para o ensino fundamental**: instituições formadoras e seus currículos. Relatório de Pesquisa. Fundação Carlos Chagas/Fundação Victor Civita, 2008, 2 v.

GROSSI, Miriam; TASSINARI, Antonella; RIAL, Carmem. **Ensino de antropologia no Brasil**: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras. Florianópolis: Nova Letra, 2006.

GUSMÃO, Neuza Maria. Antropologia e educação: Origens de um diálogo. **Caderno CEDES**, Campinas: Unicamp, vol. 18, n. 43, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621997000200002>. Acesso em: 09 ago. 2014.

GUSMÃO, Neuza Maria. Por uma antropologia da educação no Brasil. **Pro Posições**. Campinas: Unicamp, Faculdade de Educação, v. 21, n. 2, 2009.

GUSMÃO, Neuza Maria (Org.). Antropologia e educação: interfaces do ensino e da pesquisa. **Cadernos CEDES**, Campinas: Faculdade de Educação, v. 18, n. 43, p. 8-25, 1997.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e educação: história e trajetos. In: GROSSI, Miriam; TASSINARI, Antonella; RIAL,

Carmem (Org.). **Ensino de antropologia no Brasil**: formação, práticas disciplinares e além-fronteiras. Florianópolis: Nova Letra, 2006. p. 299-331.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment**: essays on livelihood, dwelling and skill. London: Routledge, 2000.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Sexo e repressão na sociedade selvagem**. Petrópolis: Vozes, 1978.

MALINOWSKI, Bronislaw. **A vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia**: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das Ilhas Trobriand. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

MEAD, Margareth. **Coming of age in Samoa**: a psychological study of primitive youth for western civilization. New York: William Morrow e Company, 1928.

MEAD, Margareth. **Growing up in New Guinea: a comparative study of primitive education**. New York: Blue Ribbon Books, 1930.

MEAD, Margareth. **Sex and temperament in three primitive societies**. New York: William Morrow e Company, 1935.

PAULA CARVALHO, José de Carlos. Rumo a uma antropologia da educação: prolegômenos I. **Revista de Educação**, São Paulo: Faculdade de Educação, v. 8, n. 2, p. 113- 132, 1982.

PAULA CARVALHO, José de Carlos. Rumo a uma antropologia da educação: prolegômenos II. **Revista de Educação**, São Paulo: Faculdade de Educação, v. 10, n. 2, p. 257-283, 1984.

TURNER, Victor. **The forest of symbols**: aspects of Ndembu Ritual. New York: Cornell University, 1970.

VALENTE, Ana Lúcia F. Usos e abusos da antropologia na pesquisa educacional. **Pro-Posições**, v. 7, n. 2 [20], Campinas: FE/Unicamp, p.

54-64, 1996.

VALENTE, Ana Lúcia F. Por uma antropologia de alcance universal. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 18, n. 43, ano XVII, p. 58-74, 1997.

VIEIRA, Karina Augusta Limonta. A presença da disciplina antropologia nos cursos de Pedagogia: mapeamento do currículo paulista. In: II CONINTER – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, 2013. Belo Horizonte. **Anais do II CONINTER**. Belo Horizonte: UFMG, 2013. ISSN 2316-266X. Disponível em: <file:///C:/Users/Karina/Downloads/640.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2014.

Doutoranda Karina Augusta Limonta Vieira

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Brasil
Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar
Grupo de Estudos e Pesquisas Filosofia para Crianças
E-mail: kalimonta@gmail.com

Prof. Dr. Denis Domeneghetti Badia

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Brasil
Pós-Graduação em Educação Escolar
Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar
Grupo de Estudos e Pesquisas Filosofia para Crianças
E-mail: denis@fclar.unesp.br

Recebido em: 28 ago. 2014.

Aprovado em: 23 fev. 2015.